

CONTRIBUIÇÃO DE GÊNEROS DO FACEBOOK PARA O LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renato Lira Pimentel; Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo

Universidade de Pernambuco renato.pimentel@upe.br; Universidade de Pernambuco amanda.ledo@upe.br

Atualmente, estudar os gêneros textuais nos vários contextos, dentre eles o digital, é um desafio e uma necessidade para os linguistas que desejam entender os recursos textuais e linguístico-discursivos mobilizados pelos usuários da língua nas interações de que participam. O presente estudo objetiva analisar a interação entre os gêneros que circulam no Facebook, considerados como artefatos de letramento, em relação a sua possível contribuição como subsídio pedagógico em sala de aula. Com vistas a alcançar este objetivo, selecionamos exemplares de alguns gêneros ali circulantes, inter-relacionando esse material com dois dos eixos temáticos em que estão pautados o ensino de Língua Portuguesa: leitura e escrita. O *corpus* coletado utilizado na análise é de divulgação pública online. A metodologia utilizada é de caráter essencialmente analítico e interpretativo com base na abordagem qualitativa. Teoricamente, o trabalho está ancorado nas perspectivas teóricas de Miller (2012) e Bazerman (2005), que concebem os gêneros textuais como “formas de ação social” e “modos de ser” utilizados para a interação social; nas discussões de Bhatia (2009) no que diz respeito a sua concepção de gênero de texto, bem como nos estudos de Marcuschi (2004) no que se refere aos conceitos que envolvem os gêneros digitais e o ensino de língua materna. Os resultados sugerem que o Facebook pode ser um forte aliado para a interação entre os textos que circulam nesse ambiente e os processos de letramento, visto que os gêneros oferecem a possibilidade de contextualizar conceitos tradicionais e dicotômicos, como as modalidades de fala e escrita, e apresentá-los de modo interacionista, como um contínuo entre as modalidades.

Palavras-Chave: Gêneros, Facebook, Letramento.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a temática dos gêneros textuais está na agenda dos estudos linguísticos. No que diz respeito especificamente às pesquisas sobre gêneros digitais, percebe-se que elas vêm ganhando espaço nas ciências da linguagem. Com a disseminação das tecnologias de informação e comunicação muitas mudanças ocorreram. Essas mudanças estão ligadas aos novos olhares a respeito das formas de expressão, interação e usos da linguagem, interferindo de maneira significativa nos modos de comunicação e interação entre as pessoas (DIEB; AVELINO, 2009; KOMESU; TENANI, 2009; BEZERRA, 2013).

Tais mudanças também se refletem nos estudos sobre gêneros textuais, tendo em vista que eles são centrais na organização da vida em sociedade, conforme sustenta Marcuschi (2004). Segundo esse autor, em meio a esses novos contextos, muitos gêneros textuais surgiram ou sofreram processos de hibridização, merecendo novas abordagens na discussão dos conceitos que permeiam as teorias de gêneros. A literatura especializada qualifica os gêneros que circulam nesse ambiente

como digitais ou virtuais, pois eles se realizam no ambiente virtual/eletrônico, caracterizando novas formas de interação mediadas pelas tecnologias (MARCUSCHI, 2004; ARAÚJO, 2007).

No cenário brasileiro, as pesquisas sobre gêneros digitais ganharam considerável respeito após o estudo feito por Marcuschi (2004) sobre esses gêneros, em que o estudioso realiza um tipo de ensaio teórico descritivo sobre gêneros digitais, tais como *e-mails* e *chats*. Nesse trabalho, o autor chama esses textos que circulam em ambiente eletrônico/virtual de gêneros emergentes ou gêneros discursivos digitais.

Considerando que se trata de uma temática recente e ainda carente de estudos que se voltem para os seus fenômenos, este trabalho tem como objetivo investigar os principais gêneros textuais que circulam no Facebook, apresentando-os como artefatos de trabalho pedagógico em sala de aula. Estamos amparados teoricamente nas perspectivas de Miller (2012) e Bazerman (2005), autores que concebem os gêneros como “formas de vida” e “modos de ser” utilizados para a interação social. Também nos baseamos em Bhatia (2009) no que diz respeito a sua concepção de gênero de texto e em Marcuschi (2004) no que se refere aos conceitos que envolvem os gêneros digitais e o ensino de língua materna.

É importante notar que o Facebook permite o acesso a um universo comunicativo-discursivo muito amplo, por isso, selecionamos os dados a partir das publicações existentes no chamado *feed de notícias*. Tivemos acesso a esses textos por meio de nossa própria conta, e os exemplares de gêneros foram os postados nos murais de diferentes usuários que têm algum tipo de contato com os pesquisadores.

O artigo apresenta a seguinte organização: primeiro, faremos algumas considerações sobre gêneros textuais/digitais. Em seguida, iremos apresentar os gêneros textuais circulantes no site de relacionamentos Facebook. Logo depois, apresentaremos as propostas de trabalho com esses gêneros investigados em sala de aula.

1 Os gêneros textuais/digitais

Sabemos que, em menos de 30 anos, a internet causou uma revolução tecnológica na sociedade contemporânea, interferindo de forma significativa na maneira como os usuários da língua interagem e se expressam. É claro que, se os gêneros são essenciais em qualquer situação comunicativa, no contexto das novas tecnologias, eles precisam se adequar às necessidades comunicativas desse ambiente e, por isso, também começam a incorporar características próprias do meio. Assim, não somente esses gêneros são transformados ou transmutados como também surgem

outros tantos, de acordo com as necessidades comunicativas dos usuários. Sobre esse processo, Carvalho (2009, p. 85) considera gênero:

Como evento linguístico atrelado às necessidades comunicativas da sociedade [...]. Esses gêneros se desenvolvem em conformidade com os usos que os homens fazem das novas tecnologias de comunicação decorrentes dos avanços das tecnologias digitais.

Nessa perspectiva, “a inserção das tecnologias da informação na vida cotidiana dos cidadãos tem se tornado um evento cada vez mais marcante, porque, entre outras coisas, é capaz de reordenar o próprio modo como o ser humano interage e se integra socialmente” (PINHEIRO, 2009, p. 205). Apesar de recentes, os estudos voltados para os gêneros digitais já apresentam algum avanço, na medida em que os pesquisadores procuram definir suas principais características e particularidades. O ambiente eletrônico propicia inovações sobre os gêneros ali difundidos, ocasionando uma maior interatividade devido aos recursos que aparecem intensificados nesse ambiente: a organização hipertextual, a presença da multimodalidade e a hibridização são características relevantes que participam da construção e da interpretação desses gêneros.

Nesse sentido, o que definimos como “gêneros digitais” são os gêneros que, além de apresentarem a condição de fenômenos de linguagem, complexa e inerente, “apresentam ainda a particularidade de se oferecerem ao leitor em um ambiente específico, a *Web*, por exemplo, diretamente atrelado e influenciado por desenvolvimentos tecnológicos cada vez mais numerosos, frequentes e velozes” (BEZERRA, 2011, p. 4).

Conforme Marcuschi (2004), em sua maioria, esses gêneros não se constituem como criações completamente novas, mas têm algum paralelo com outros gêneros já conhecidos na escrita convencional ou oralidade: “Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 13). No tópico seguinte, tecemos algumas considerações sobre os gêneros presentes no Facebook.

2 Gêneros do Facebook

Apesar de ainda não termos estudos aprofundados sobre o desenvolvimento histórico de todos os gêneros emergentes (como, por exemplo, de qual(is) gênero(s) o *Twitter* pode ter se transmutado), é importante perceber que a maioria dos gêneros digitais, já estudados e pesquisados, aparentam semelhanças com gêneros de outros ambientes. Marcuschi (2004) apresenta um quadro exemplificando alguns gêneros digitais e os gêneros dos quais, possivelmente, eles teriam surgido:

Quadro 1: Gêneros digitais e sua contraparte com gêneros pré-existent

Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
E-mail	Carta pessoal/ bilhete/ correio
Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
Chat reservado	Conversações duais (casuais)
Chat em salas privadas	Encontros pessoais (agendados?)
Chat em salas privadas	Conversações (fechadas?)
Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
Aula Chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
Videoconferência interativa	Reunião de grupo/Conferência/Debate
Lista de discussão	Circulares/séries de circulares???
Endereço eletrônico	Endereço postal
Blog	Diário pessoal, anotações, agendas

Fonte: Marcuschi (2004, p. 31)

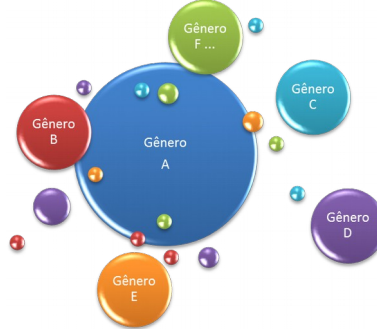
No entanto, tratar os gêneros que circulam no site de relacionamentos Facebook simplesmente como remodelações de outros gêneros poderia nos levar a uma análise bastante redutora.

Com a finalidade de refletir sobre as possíveis origens de um gênero, retomamos dois conceitos importantes e inter-relacionados ao processo de evolução desses artefatos: recorrência e tipificação (MILLER, 2012). As situações pelas quais os usuários da língua passam quando fazem o uso dela se tornam recorrentes, levando ao uso de determinadas formas mais padronizadas, ou seja, cria-se uma expectativa sobre determinadas formas em contextos regulares. Quando essas situações se tornam muito semelhantes, as pessoas constroem um padrão de ação para ser utilizada em tais situações. Assim, segundo Miller (2012), as ações passam a ser tipificadas, e esse processo de tipificação, construído no âmbito da diversidade de ações situadas praticadas pelas pessoas, gera a recorrência. Por seu turno, as ações situadas tipificadas, quando discursivamente configuradas, são entendidas como gêneros.

Esse conceito de gêneros como ações sociais tipificadas, advindo dos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), enfatiza como os indivíduos realizam uma ação e respondem a ela, o que podemos perceber nas interações em geral, inclusive nas que ocorrem em redes sociais na Internet. No site Facebook, por exemplo, esse processo de tipificação está presente, mesmo que num espaço de tempo bem mais rápido do que em outros processos de tipificação fora do ambiente digital. Desse modo, os padrões de reconhecimento de similaridades que acontecem também são outros. Os usuários recorrem a determinados gêneros para satisfazerem as suas necessidades de comunicação, desde interagir com outras pessoas, se posicionar ou simplesmente responder a questões propostas pelo site. A partir daí, outras pessoas podem se identificar com o que foi veiculado, reconhecem (ainda que não conscientemente) o gênero utilizado como adequado para aquele propósito e

propagam como específico para aquela situação. Desse modo, esse gênero passa a fazer parte do estoque de reconhecimento dos usuários, o que leva à tipificação. Por isso, podemos perceber a replicação de variados gêneros em um curto espaço de tempo no Facebook.

Figura 1: Expansão dos diversos gêneros no Facebook

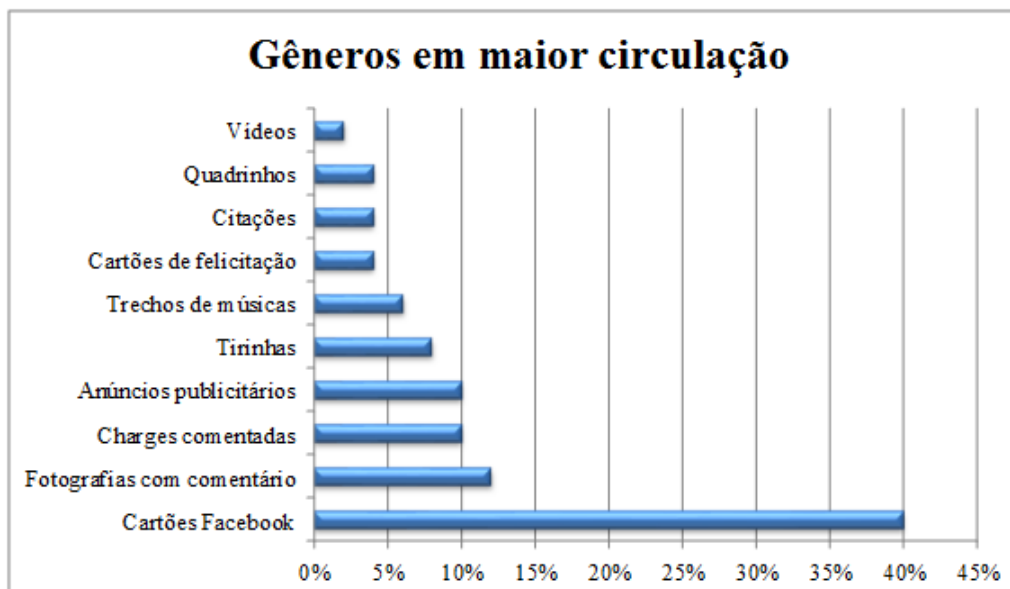


Fonte: Criado pelos autores

Na figura 1, tentamos representar a expansão dos variados gêneros circulantes no Facebook. No site, de acordo com outras pesquisas (a exemplo de Pimentel (2014), sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook), alguns gêneros atingiram a sua tipificação há mais tempo e com mais força do que outros e a utilização de novos gêneros vai surgindo a cada momento. No entanto, uns não excluem os outros e são usados para as mais variadas formas de interação dos usuários no site. Na figura, podemos ver que alguns gêneros são representados por um círculo maior e outros por círculos menores, porém isso não se trata da estrutura física dos gêneros, mas por eles serem mais utilizados pelos facebookeanos. As diferentes cores representam os diferentes temas que são discutidos através dos gêneros, e a sobreposição de uns sobre os outros representam os processos de hibridização pelos quais passam esses gêneros.

Conforme Pimentel (2014), no Facebook encontramos a circulação, em maior quantidade e com uma maior aceitação desses usuários, dos gêneros textuais descritos abaixo. Essa aceitação é justificada pelas várias “curtidas” e “compartilhamentos” que encontramos para tais textos:

Gráfico 1: Gêneros mais utilizados nas postagens do Facebook



Fonte: Pimentel (2014)

A maioria desses gêneros já é conhecida pelos estudiosos em análise de gêneros, tais como as tirinhas e as charges, por exemplo. Os textos que chamamos de *cartões Facebook* são os que não identificamos como gêneros já conhecidos nesse ambiente de pesquisa, para os quais não há uma nomeação específica, justamente pela falta de estudos que deem conta de como os usuários se referem a tais eventos comunicativos. Levando em consideração as interações percebidas entre os usuários do site, esses gêneros podem ser chamados de “memes”¹, entretanto, nesta pesquisa, adotaremos o nome *cartão Facebook* (PIMENTEL, 2014). Justificamos essa opção de nomenclatura pelo fato de que “meme” faz referência a elementos mais amplos que são replicados (e não especificamente a gêneros).

Levaremos em consideração o conceito de gênero como ação social, que tem como proposta central o posicionamento de que um texto, como gênero, não deve ser entendido apenas como uma entidade linguística. Isso é confirmado, pois o gênero é ação que reflete características de situações retóricas recorrentes. Os gêneros que circulam no Facebook são usados com diversos propósitos e compõem interações que se superpõem para responder às diversas propostas interativas do site e, conseqüentemente, de seus usuários. É importante lembrar que a materialidade em análise é

¹ Segundo pesquisa feita através de alguns artigos não necessariamente ligados à área de linguística, mas relacionados à área de comunicação (FONTANELLA, 2009), o termo “meme” foi utilizado pela primeira vez pelo zoólogo Richard Dawkins em seu livro *O gene egoísta*. Esse pesquisador definiu “meme” – termo grego que significa imitação – como uma unidade de evolução cultural que se propaga de indivíduo para indivíduo. Na internet, o termo é utilizado para descrever algo que se espalha e se populariza entre os internautas, especialmente no que se refere ao site de relacionamentos Facebook, geralmente se referindo àquelas carinhas mal desenhadas, como, por exemplo, o “forever alone” e o “troll face”, ligadas a diversos gêneros.

constituída por um texto realizado em determinado gênero ou, ainda, um texto que participa de ou atualiza/concretiza determinado gênero.

Assim, pensamos nos gêneros que circulam no Facebook, refletindo, entre outros aspectos sobre:

i) *gênero/situação recorrente*: acesso ao site de relacionamentos; atendimento à interação no site; procura à resposta para a interação no site; resposta às notificações consequentes de uma interação passada; leitura de postagens; compartilhamento de pensamentos/postagens, entre outros aspectos;

ii) *gênero/atividades sociais recorrentes*: relação entre interactantes/usuários do site, por contato direto (amigos) ou contato indireto (navegação “passatempo” no site); relação entre usuário e site (navegação por aplicativos e outros dispositivos que o site oferece); relação entre usuários e os diversos aspectos sociais que circulam no site;

iii) *gênero/desempenho retórico dos interactantes*: determinado usuário publica algo que acha interessante e que pensa “cumprir” o papel de interação no site, assim como “curte” ou “compartilha” algo que também acha interessante, gerando, desse modo, a interação que será construída por meio da resposta que outro usuário irá dar para sua publicação da mesma maneira como o primeiro o fez; essas publicações de gêneros geram a grande rede interativa, pois as publicações/respostas se misturam levando ao desempenho dos interactantes, e esse desempenho no site, por sua vez, está diretamente ligado às respostas que as suas publicações obtiveram e vice-versa.

3 Gêneros do Facebook em sala de aula

Nesta seção, vamos exemplificar alguns aspectos que podem ser trabalhos com os gêneros do Facebook em sala de aula. Lembramos que não se trata de nenhum tipo de aula “pronta” a ser seguida, mas apenas de alguns tópicos de discussão que podem ajudar nas aulas de leitura e escrita em salas de Língua Portuguesa.

Um dos principais aspectos que ajudará no incentivo a leitura nos gêneros do Facebook são os recursos multimidiáticos, e, claro, a partir do momento em que o usuário/estudante lê por meio do Facebook ele, frequentemente, sente a necessidade de escrever, tendo em vista a interação buscada a partir dos gêneros circulantes nesse ambiente. Além dos objetivos referentes à leitura e a escrita que podem ser trabalhados dentro do Facebook, podemos levar em consideração também os seguintes objetivos em sala de aula:

1. levar os alunos a reconhecerem os gêneros do Facebook como gêneros textuais;

2. reconhecer a ligação entre esses gêneros no site, como forma de construção de determinados sentidos buscados na interação;
3. compreender as especificidades desses gêneros, relacionando-os a situações concretas de comunicação;
4. mobilizar conhecimentos prévios dos alunos sobre os gêneros trabalhados;
5. explicitar os atos comunicativos dos interlocutores no Facebook, fazendo uma reflexão sobre cada tipo de linguagem utilizada; além de:
6. refletir sobre aspectos linguísticos inerentes aos gêneros em estudo, fazendo relação direta com o estudo de língua portuguesa.

Trabalhar os gêneros do Facebook em sala de aula pressupõe um conhecimento prévio do professor sobre esses gêneros para que seja possível explorar de maneira mais adequada as suas potencialidades. A importância de se trabalhar com a diversidade de gêneros textuais consiste em que, quanto mais gêneros o aluno conhecer e trazer para o seu cotidiano, compreendendo aspectos internos (referentes ao texto) e externos (referentes ao gênero), maior será seu poder de comunicação, pois “a produção de sentidos é construída na interação, por meio de escolhas linguísticas e estratégias discursivas várias” (SANTOS *et al*, 2006, p.28).

Por exemplo, pode-se fazer uma análise pelos estudantes dos gêneros do Facebook, e, dentro dessa análise, partir para um estudo comparativo dos objetivos de cada texto, de cada gênero, orientado por questões como: quais os objetivos dos comentários, o que o torna diferente dos perfis ou dos posts; quais os possíveis produtores de um e de outro gênero; quais as funções de cada um dos gêneros estudados dentro do site de relacionamentos Facebook, além de outras questões que serão pertinentes de acordo com o caminho que esse estudo irá tomar. A seguir, discutimos brevemente alguns exemplos.

O Exemplo 01 foi publicado em um contexto de aumento de passagens de ônibus ocorrido em Recife-PE no início de 2017. O usuário faz uma afirmação seguida de uma pergunta provocativa, que suscita uma série de comentários de seus amigos. O comentário é um dos gêneros mais ricos e complexos que circulam nesse ambiente, porque pode veicular múltiplos atos de fala e incluir, ainda, recursos imagéticos (figuras, imagens, emojis).

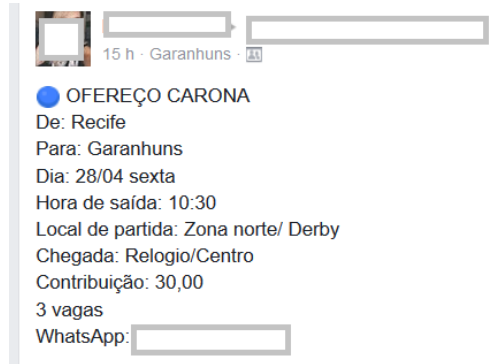
Exemplo 01: Postagem no Facebook e comentários



Fonte: *Feed* de notícias dos pesquisadores

No exemplo em questão, o comentário é utilizado para apresentar argumentos em defesa de um ponto de vista, remetendo à estrutura de um debate (gênero do qual ele pode ter derivado). Uma abordagem pedagógica poderia explorar o reconhecimento do comentário como gênero, refletindo sobre suas características, sua função social e seus propósitos comunicativos. Além disso, seria interessante destacar a relação que os comentários estabelecem entre si, com o texto motivador (postagem que procura responder à pergunta do site) e com os fatos sociais a que fazem referência (posicionamento do cristão frente ao aumento abusivo da passagem do transporte público). Adicionalmente, seria válido explorar o teor argumentativo e as estratégias utilizadas pelos interlocutores.

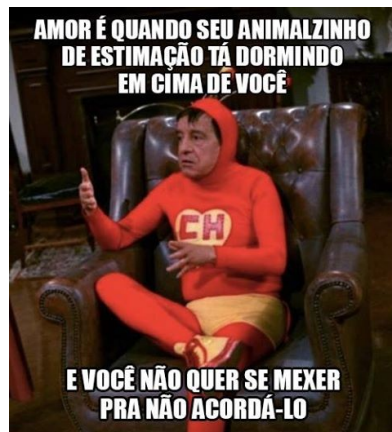
Exemplo 2: Postagem no Facebook oferecendo carona



Fonte: *Feed de notícias dos pesquisadores*

No exemplo 02, podemos observar um usuário utilizando o espaço do Facebook para ofereço carona. É possível relacionar esse uso com os classificados jornalísticos e radiofônicos em que eram veiculadas ofertas de produtos e serviços, contudo o termo carona atenua o sentido de lucrativo (explicitamente presente em “ofereço serviços de transporte de passageiros”). Uma das questões que poderiam ser exploradas pedagogicamente seria a coesão, que se manifesta de forma diferente nos diversos gêneros. No exemplo, os elementos coesivos explícitos são desnecessários e a informação está organizada de forma pragmática.

Exemplo 03: Cartão Facebook com personagem Chapolin



Fonte: *Feed de notícias dos pesquisadores*

No exemplo 03, podemos observar um cartão de Facebook com o personagem Chapolin Colorado e um texto verbal. Frequentemente, os exemplares desse gênero apresentam caráter humorístico e são reproduzidos muitas vezes, adquirindo a característica de meme. Em sala de aula, seria possível explorar os efeitos de sentido produzidos pela interação entre as linguagens que o compõem o texto, assim como a percepção do fenômeno da intertextualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, estudar os gêneros textuais nos vários contextos é um desafio e uma necessidade para alguns linguistas que desejam entender o comportamento linguístico por meio do estudo dos gêneros. Pesquisas como a que nos propusemos neste trabalho estão ganhando seu espaço entre os estudiosos da linguagem, pois, conforme Crystal (2001), o impacto causado pela internet é bem maior na maneira como interagimos linguisticamente do que, até mesmo, nas mudanças causadas pela tecnologia. Podemos começar a pensar na importância desses trabalhos a partir do que afirma Marcuschi (2004, p. 1), esclarecendo que a análise de gêneros digitais é relevante pelos seguintes aspectos:

1. seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado;
2. suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contraparte em gêneros prévios;
3. a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

A discussão apresentada neste trabalho carece, ainda, de maior aprofundamento e tem o intuito de ilustrar como os gêneros que circulam no Facebook podem ser relacionados com os letramentos escolares. O que é importante perceber é que há várias possibilidades de relacionar produtivamente as práticas de leitura e escrita extraescolares com os hábitos de leitura e escrita que a escola tanto deseja incentivar, nos diferentes níveis de ensino. E que essas possibilidades não estão tão distantes da realidade dos professores como tantos pensam, pois elas estão ligadas não só com a vida dos estudantes, mas com a dos próprios professores.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. O internetês não é língua portuguesa? *Vida e educação*, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.
- BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: _____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.
- BEZERRA, B. G. O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na internet. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. *Anais...* Recife: UFPE/NEHTE, 2013
- BEZERRA, B. G. Os propósitos comunicativos em gêneros introdutórios no ambiente virtual. In: BEZERRA, B. G. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 123-144.
- BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.;
- CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009. p. 159-195.

- CARVALHO, T. L. de. O professor de Espanhol diante dos letramentos da Web e a utilização dos gêneros digitais. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Org.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 82-98.
- CHARTIER, R. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP. 1998.
- CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições. 2001.
- DIEB, M.; AVELINO, F. C. B. “Escrevo abreviado porque é muito mais rápido”: o adolescente, o internetês e o letramento digital. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Orgs.). *Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 264-282.
- FONTANELLA, F. *O que é um meme na Internet?* Proposta para uma problemática da memesfera. Anais do III Simpósio Nacional da ABCiber : São Paulo, 2009.
- KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n.3, p. 621-643, set./dez. 2009.
- MARCUSCHI, L. A. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2003. p. 9-40
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.
- SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (org.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MILLER, C. R. Gênero como ação social. In: _____. *Gênero textual, agência e tecnologia*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2012.
- PINHEIRO, P. A. Gêneros no mundo digital: um meio de “transdisciplinarizar” a escola. In: GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (Org.). *Interação, Gêneros e Letramento: A (re) escrita em foco*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 205-222.